

Teologia e Marxismo: em busca de pontes de esperanças

Rodrigo Follis¹

Parece certo afirmar que, dentro do cristianismo, uma das frases mais famosas ditas no campo do marxismo é aquela do próprio Karl Marx acerca de a religião ser um tipo de ópio (ou, em outras palavras, a religião seria alienante). Partindo desse ponto, seria interessante pensar se essa seria a única forma de se pensar a integração entre a religião e o marxismo, ou se existiriam possibilidades de se criar um ponte que unisse (mesmo que de forma temporária) esses dois pensamentos.

Através da leitura inicial da obra de diversos teóricos marxistas, tal com Raymond Williams (2011), é de fácil observação a constante busca desses autores por produzir uma teoria que seja mais do que um mero produto destinado à academia. Assim, eles sempre objetivaram ser defensores “de uma política democrático-social de transformação social” (GLASER, 2011, p. xii). Podemos citar, dentro dessa lógica, diversos teóricos marxistas, tal como Gramsci, para o qual “o desafio humano é não aceitar passivamente [que] a marca da própria personalidade seja estabelecida por elementos externos” (o que se chamou, no marxismo, de alienação). Para tanto, é preciso que cada pessoa “elabore a própria concepção de mundo, de forma consciente e crítica”, com objetivo de participar de forma ativa na “produção da história do mundo” (CUNHA, 2004, p. 40).

Dessa forma, considerando que para os teóricos marxistas é preciso que cada pessoa elabore a própria concepção de mundo de forma consciente e crítica, poderíamos fazer a seguinte pergunta: teríamos na Teologia um correspondente, de preferência bíblico, para tal ideia? Ou alguns críticos da religião estariam totalmente certos acerca de ser a religião o ópio da humanidade? Sobre isso, o rabino Jonathan Sacks (2007, p. 42) afirma o seguinte:

¹ Doutorando em Ciências da Religião e Mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo. Editor-associado da revista *Kerygma* e professor no Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). E-mail: rodrigo.follis@unasp.edu.br

A Bíblia não é ópio metafísico, mas precisamente o oposto. Seu propósito não é transportar aquele que crê a um paraíso particular. É, isto sim, o desejo apaixonado, contínuo, de trazer o paraíso até a Terra. Até conseguirmos, ainda há trabalho a fazer. Algumas culturas isentam o ser humano da responsabilidade, levando-nos para longe do mundo de dor rumo a um estado de beatitude, êxtase, enlevo. Elas nos ensinam a aceitar o mundo como é e a aceitar a nós mesmos do modo que somos.

É de admirar o desafio que Deus, através da Bíblia, nos confere: o de sermos diferentes, contrários àquilo que, embora considerado muitas vezes politicamente correto, diverge dos princípios extraídos das Escrituras; o de fugir da sabedoria convencional vigente, visando a construir, transformar e consertar o mundo até que ele se torne um lugar digno da presença divina, “tudo porque nós aprendemos a honrar a imagem de Deus que é a humanidade” (SACKS, 2007, p. 42).

Parece ser impossível ser cristão e não ter uma consciência histórico-social. A mensagem é clara: por causa do pecado da humanidade (Rm 3:10-12), o mundo não vai melhorar sozinho (Rm 7:17-21). E não se tornará um lugar mais humano se delegarmos a outros (políticos, articulistas, apologistas profissionais) “a tarefa nossa de trazer a redenção. A Bíblia hebraica não começa com o apelo do homem a Deus, mas com Deus nos chamando, a cada um de nós, exatamente aqui onde estamos [Gn 3]” (SACKS, 2007, p. 42-43). “Porque, se de todo te caíres agora”, diz Mordechai a Ester, “de outra parte se levantarão para os judeus socorro e livramento [...] quem sabe se não foi para este momento que chegaste ao reinado?” (Et 4:14). A mensagem para Ester, e para cada ser humano hoje, é clara: se não fizermos o que nos cabe, talvez outros façam. Mas não teremos, então, compreendido por que estamos aqui e o que somos intimados a fazer. Assim “a Bíblia é o chamado de Deus à responsabilidade humana” (SACKS, 2007, p. 43).

No final, o que cabe a cada teórico é fazer com que a teoria produzida por sua escrita gere transformação social. Como argumentamos, cremos que na religião é possível, sim, encontrarmos tal motivação transformadora. Afinal, a Bíblia foi escrita com essa intenção, restaurar a dignidade humana perdida por causa do pecado (ver Gn 1-3; Jo 10:10). Se a religião está sendo usada (ou não) com essa motivação, aí já temos uma outra discussão, que em nada inviabiliza a verdade pregada nas Escrituras e anunciada aqui (e na qual precisamos nos debruçar).

É com esse sentimento que a revista *Kerygma* traz à luz mais um número, com o qual prosseguimos almejando contribuir para a construção de uma teoria teológica que leve a humanidade a ser cada vez menos, para emprestar o termo marxista, “alienada”. Você terá a chance de ler bons artigos a esse respeito, como,

por exemplo, o que discute a delicada situação de israelenses e palestinos. Também poderá ler acerca das novas descobertas da chamada Inteligência Espiritual, artigo que demonstra que existe, mesmo dentro da religião, e para espanto de alguns teóricos, espaço para a solução de diversos problemas humanos (no caso do artigo, diversos problemas no casamento). Importantes discussões no campo da teologia bíblica são traçadas nesse número, como a interpretação do Êxodo, de Daniel 10 e do batismo. Por último, mas não menos importante, temos alguns artigos abordando outras áreas, como a teologia aplicada, com a discussão, por exemplo, das formas de evangelizar a geração Y; e também vemos uma abordagem sistemática acerca da escatologia apocalíptica vista através de tipos históricos.

Creemos na possibilidade de encontrarmos um ponto de união entre as duas teorias aqui discutidas, mas parece correto dizer também que nenhuma delas têm/terá o poder de resolver definitivamente os problemas humanos. É por essa razão que acreditamos na promessa do teórico mais influente da humanidade, Jesus Cristo. Ele prometeu que mesmo que outros tenham vindo apenas para roubar, matar, e destruir, Ele veio “para que tenham[os] vida, e a tenham[os] com abundância” (Jo 10:10). Com certeza, essa é a maior das esperanças transcritas em qualquer construção teórica. A promessa é que não apenas a teoria, mas, sim, o teórico virá para nos fornecer libertação. E a certeza dessa verdade nos foi garantida de forma prática na cruz do Calvário.

Em resumo, a mensagem é clara como afirma Sacks (2007): devemos continuar a modificar o mundo; enquanto isso devemos esperar que o Messias venha concluir a transformação que aqui só iniciaremos. Que gloriosos dias teremos pela frente! Enquanto isso, façamos teologia; mas uma teologia transformadora e à espera da volta do Teórico (Mt 24).

Referências

CUNHA, M. N. **Vinho novo em odres velhos**: um olhar comunicacional sobre a explosão gospel no cenário evangélico no Brasil. São Paulo, 2004. Tese (Doutorado em Comunicação Social). São Paulo, ECA- USP , 2004.

GLASER, A. Prefácio a edição brasileira. In: WILLIAMS, R. **Cultura e materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SACKS, J. **Para curar um mundo fraturado**: a ética da responsabilidade. São Paulo: Sêfer, 2007.